

# O TRABALHO DE CUIDADO NA VIDA DE MENINAS E JOVENS NEGRAS:

Caderno Formativo JUNE para educadores e educadoras



# O TRABALHO DE CUIDADO NA VIDA DE MENINAS E JOVENS NEGRAS:

Caderno Formativo JUNE para  
educadores e educadoras

REALIZADORES



APOIO



# FICHA TÉCNICA

## COORDENAÇÃO GERAL:

Iasmim Vieira  
Larissa da Silva Fontana

## EQUIPE:

Larissa da Silva Fontana  
Iasmim Vieira  
Naiara Evangelo  
Camila Ribeiro  
Alessandra Stefanello

## REALIZAÇÃO:

Vic Argôlo e Moara NC - CEDENPA  
Andrea Margit, Helena Singer, Mariana Nakajuni,  
Marília Duque e Midria - Ashoka

## APOIO:

Fundo Agbara  
Fundação FEAC

## PESQUISA JUVENTUDES NEGRAS (JUNE):

Em Movimento  
UNEafro  
PerifaConnection  
Sankofa Consultoria em Equidade  
Coletivo Mangueiras  
CONAQ  
Instituto Odara  
CEDENPA  
Juventudes Potentes - United Way Brasil  
Instituto Decodifica  
Rede Mulheres Negras do Paraná  
Grupos de Mulheres Negras Malunga

## REVISÃO:

Alessandra Stefanello

## IDENTIDADE VISUAL E DIAGRAMAÇÃO:

Camila Ribeiro

# SUMÁRIO

- 04** APRESENTAÇÃO
- 06** Trabalho de cuidado e juventude negra: uma conversa necessária
- 08** Panorama geral: juventudes negras, gênero e trabalho de cuidado
- 18** Dados e evidências: o que diz a Pesquisa JUNE
- 19** Tempo dedicado ao trabalho doméstico e de cuidado
- 21** Desigualdades no mundo do trabalho
- 27** Práticas educativas para o debate sobre o trabalho doméstico e de cuidado
- 34** Saberes e habilidades da economia do cuidado
- 37** “Afrogincana” como metodologia de acolhimento e cuidado
- 39** Acesse os materiais da Pesquisa Juventudes Negras
- 40** Referências

# APRESENTAÇÃO

Este caderno é uma realização conjunta do Em Movimento, do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa) e da Ashoka, fruto da articulação construída no âmbito da Jornada pelas Juventudes Negras — um projeto voltado ao fortalecimento das lideranças e da participação social de jovens negras no Brasil.

A parceria entre essas três organizações tem raízes profundas e uma trajetória comum na implementação de ações por uma sociedade antirracista e antissexista. O Cedenpa, por exemplo, integra o Conselho Político que acompanhou a pesquisa Juventudes Negras no Brasil (JUNE), idealizada pelo Em Movimento, PerifaConnection e Uneafro Brasil, com execução técnica da Sankofa Consultoria em Equidade. Já a Ashoka possui uma trajetória consolidada no fortalecimento de lideranças jovens de diferentes territórios, prezando pela diversidade e pelo compromisso de despertar a potência que existe em cada pessoa para contribuir com o bem comum.

Como parte das ações de disseminação da pesquisa JUNE, o Em Movimento e a Ashoka desenvolveram o Percurso Juventudes Negras, no âmbito da iniciativa Debates Públicos nas Escolas, com o objetivo de fomentar o debate entre estudantes sobre os impactos do trabalho doméstico e de cuidado na vida de jovens negras. A experiência

APRESENTAÇÃO



foi tão potente que originou este caderno — um novo esforço coletivo para ampliar o alcance e aprofundar o debate nas escolas brasileiras e nos múltiplos espaços de formação que buscam fortalecer o direito das juventudes à educação.

Nesse sentido, este caderno também foi pensado para ser discutido com Organizações da Sociedade Civil da cidade de Campinas (SP), por ocasião do projeto de fortalecimento das OSCs “Juventudes, Raça e Mudanças Climáticas em Campinas” (JuCamp), desenvolvido em parceria com a Fundação FEAC. Essa iniciativa reafirma o compromisso com práticas educativas transformadoras, em espaços formais e não formais de educação.

**Os relatórios digitais da pesquisa JUNE e o percurso Juventudes Negras por uma Educação Antirracista e Antissexista estão disponíveis no QR Code.** Esses conteúdos aprofundam o debate e ampliam as possibilidades de reflexão e ação em torno da temática.



**Desejamos uma boa leitura e, acima de tudo, que este conteúdo contribua para práticas educativas comprometidas com a transformação social.**

**lasmim Vieira e Larissa da Silva Fontana - Coordenadoras Gerais do Caderno Formativo JUNE**





# TRABALHO DE CUIDADO E JUVENTUDE NEGRA: uma conversa necessária

O trabalho de cuidado — remunerado ou não — marca profundamente a vida das juventudes, em especial das jovens negras. Desde cedo, muitas assumem responsabilidades como cuidar de irmãos, filhos, pessoas idosas ou com deficiência, o que compromete seu acesso à educação, ao trabalho digno, ao lazer e até ao próprio autocuidado. Essa carga, historicamente invisibilizada, sustenta um ciclo de desigualdades que se repete de geração em geração.

Esse cenário é parte do que se conhece como divisão sexual do trabalho, que define socialmente quais tarefas cabe a homens e mulheres, atribuindo menor valor e reconhecimento às atividades ligadas ao cuidado. Quando atravessada pelas desigualdades de raça e classe, essa lógica reforça a ideia de que mulheres — sobretudo mulheres negras — devem assumir trabalhos essenciais à manutenção da vida, mas que seguem mal distribuídos e pouco valorizados. Ao mesmo tempo, restringe o acesso dessas mulheres a ocupações mais bem remuneradas e a trajetórias educacionais completas, perpetuando a exclusão e a injustiça social.

Historicamente, o cuidado recaiu de forma desproporcional sobre as mulheres negras, muitas vezes desde a infância — herança de um sistema colonial que moldou papéis e responsabilidades de forma desigual. No Brasil, essa realidade se expressa tanto no cuidado prestado no núcleo familiar quanto no trabalho doméstico remunerado, regulamentado apenas em 2015 pela Lei Complementar nº 150, após décadas de mobilização por direitos trabalhistas.

Preparar alimentos, limpar, cuidar de crianças, idosos ou pessoas com deficiência são tarefas essenciais para a vida em sociedade. No entanto, a forma desigual como esse trabalho é distribuído o torna um mecanismo de exclusão social. Desconstruir essa lógica é condição para avançar rumo a uma organização mais justa e solidária do cuidado.

Em decorrência da mobilização histórica dos movimentos de mulheres, em dezembro de 2024, a sanção da Lei nº 15.069/24 instituiu a Política Nacional de Cuidados, representando um marco inédito ao reconhecer o cuidado como um direito e um trabalho essencial à vida. A lei estabelece diretrizes para a corresponsabilização social da provisão de cuidados, atribuindo a mulheres, homens, famílias, Estado e sociedade o dever compartilhado de prover e valorizar esse trabalho, levando em conta as desigualdades estruturais de gênero, raça e classe.

Nesse cenário, este caderno se soma a um movimento que denuncia e enfrenta a injusta organização social do trabalho doméstico e de cuidado. Propomos iniciar esse debate a partir da vivência das juventudes — especialmente das jovens negras — para que possamos construir novos arranjos sociais que reconheçam e valorizem quem cuida. A pergunta “quem cuida de quem cuida?” deve mobilizar toda a sociedade. Ao reconhecermos que o cuidado sustenta a vida, podemos transformá-lo em uma responsabilidade coletiva, humana e equitativa.

Dirigida a educadoras e educadores, este caderno reúne dados, reflexões e propostas de atividades voltadas a fomentar o diálogo em espaços formais e não formais de educação. Além de fortalecer práticas educativas que promovam dignidade, equidade e respeito, as indicações de atividades buscam estimular processos de organização coletiva, para que possamos avançar do entendimento dos problemas à ação transformadora. A proposição de ações, a incidência, a organização e a inovação social são caminhos que nos tornam agentes de transformação, capazes de inspirar novas formas de convivência e construir condições mais justas e equilibradas para todas as pessoas.

**A Lei nº 15.069/2024, que institui a Política Nacional de Cuidados, reconhece oficialmente o cuidado como trabalho. Segundo o artigo 5º, inciso I, cuidado é:**

“o trabalho cotidiano de produção de bens e serviços necessários à sustentação e à reprodução diária da vida humana, da força de trabalho, da sociedade e da economia, e à garantia do bem-estar de todas as pessoas.”

Isso significa que cuidar é trabalhar — e esse trabalho é essencial para que a vida aconteça todos os dias!

## **Trabalho Doméstico e Trabalho de Cuidado: O que são?**

Na vida real, as fronteiras entre trabalho doméstico e trabalho de cuidado muitas vezes se misturam. Preparar uma refeição para uma criança ou para um idoso, por exemplo, é, ao mesmo tempo, uma tarefa doméstica e uma atividade de cuidado. No cotidiano das casas, separar completamente essas funções é praticamente impossível. No entanto, quando falamos de trabalho remunerado, existem definições legais que buscam diferenciar as duas categorias:

- **Trabalho doméstico remunerado:** é o serviço prestado de forma contínua e pessoal, sem finalidade lucrativa, à pessoa ou à família, no âmbito residencial, normalmente por mais de dois dias por semana. Abrange funções como limpeza, cozinha, lavanderia, jardinagem, motorista particular, entre outras, e é regulamentado por legislação específica que garante direitos trabalhistas.
- **Trabalho de cuidado remunerado:** envolve atenção direta e personalizada a pessoas que precisam de apoio para realizar atividades diárias — como crianças, idosos, pessoas com deficiência ou em situação de dependência. Pode ser realizado dentro de residências (por babás, cuidadoras de idosos etc.) ou em instituições (creches, casas de repouso, hospitais).

Essa separação é relevante para questões trabalhistas e previdenciárias, mas também gera debates entre as próprias profissionais, especialmente sobre como essas categorias se organizam e reivindicam direitos. Por isso, neste caderno, optamos por apresentar as definições previstas nos marcos legais, mas sem forçar uma distinção absoluta, reconhecendo que, na prática, esses trabalhos estão profundamente interligados.

# Panorama geral: juventudes negras, gênero e trabalho de cuidado

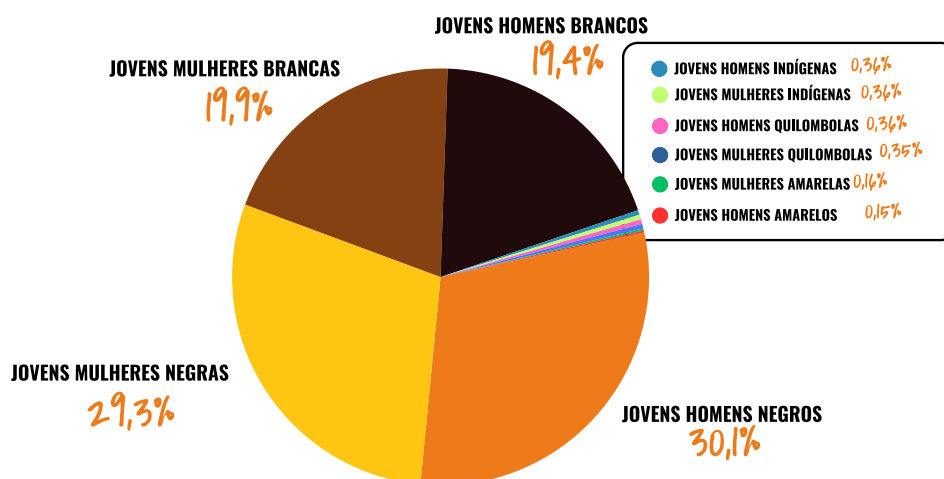
Segundo o Censo Demográfico de 2022, o Brasil tem 45,3 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que representa mais de 22% da população total do país. Ou seja, mais de um quinto dos brasileiros está vivendo a juventude agora — um momento marcado por intensas transformações, escolhas e desafios.

Quando observamos os dados por raça e cor, percebemos que a juventude negra — composta por jovens pretos e pardos — representa a maioria dentro do grupo de jovens no Brasil. São quase 27 milhões de jovens negros, o que equivale a quase 24% de toda a população negra brasileira. Em comparação, há cerca de 17,8 milhões de jovens brancos, representando pouco mais de 20% da população branca do país.

Outros grupos também fazem parte da juventude brasileira: são mais de 331 mil jovens indígenas (27% da população indígena total), 143 mil jovens amarelos (16,8% da população amarela) e 329 mil jovens quilombolas, que representam quase 25% da população total dos quilombos — ainda que essa população não seja considerada como um grupo étnico-racial no Censo, é importante destacar que ela é majoritariamente negra.

Ao cruzarmos raça/cor e gênero, os dados ficam ainda mais reveladores. Entre os 45 milhões de jovens no Brasil:

**Distribuição da População Jovem (15 a 29 anos)  
por Raça/Cor e Gênero**



Fonte: Censo IBGE, 2022.

Os números mostram que mais da metade da juventude brasileira é negra e, dentro dessa maioria, há um equilíbrio entre homens e mulheres negras. Isso reforça a importância de olharmos com atenção para as condições de vida, acesso a direitos, oportunidades de trabalho e educação desse grupo — que, embora seja numericamente expressivo, ainda enfrenta desigualdades históricas e estruturais.

**Esses dados mostram com clareza: não é possível pensar políticas públicas, práticas educativas ou propostas de transformação social sem considerar a centralidade das juventudes negras no Brasil. Elas são maioria — e ainda assim, muitas vezes, as mais invisibilizadas.**

### Quer saber mais?

Sobre juventude como uma categoria geracional construída historicamente no Brasil:

Leia o artigo ***Considerações sobre a tematização social da juventude (1997)***, da socióloga Helena Wendel Abramo, que analisa como a ideia de juventude foi sendo formada a partir de processos sociais e históricos.

Se mais da metade da juventude brasileira é negra, isso não pode ser um dado ignorado. Pelo contrário: é um convite urgente à ação. Mas para que esses sujeitos sociais tenham, de fato, condições dignas de vida, é necessário garantir direitos reais para essa parcela da população. E aqui precisamos nos perguntar: de quais direitos estamos falando? E para quais juventudes eles são, de fato, garantidos?

### O que é o Estatuto da Juventude?



O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013) é a legislação que reconhece jovens de 15 a 29 anos como sujeitos de direitos. Ele estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas de juventude no Brasil e define 11 direitos específicos:

- à cidadania, participação social e política;
- à educação;
- à cultura;
- à comunicação e liberdade de expressão;
- à profissionalização, trabalho e renda;
- à diversidade e igualdade;
- à saúde;
- ao desporto e lazer;
- ao território e mobilidade;
- à sustentabilidade e meio ambiente;
- à segurança pública e acesso à justiça.

Apesar de estar em vigor desde 2013, ainda são muitos os jovens que não têm seus direitos plenamente garantidos — especialmente os jovens negros, moradores de periferias, do campo ou de comunidades tradicionais.

Sendo a juventude um sujeito de direitos, como assegura a legislação brasileira, é preciso olhar com atenção para o acesso concreto a esses direitos, especialmente quando falamos de jovens marcados por desigualdades históricas de raça, classe, território e gênero.

### **O que é racismo?**



O racismo é um crime baseado na crença de que alguns grupos étnico-sociais são superiores a outros, sobretudo, pela evidência de características físicas. No entanto, o racismo não se resume a uma questão de cor de pele, ele faz parte de uma lógica de desumanização que organiza o poder e as relações sociais (Mbembe, 2018).

### **O que é sexismo?**



Sexismo é a discriminação baseada no sexo ou gênero, sustentada por uma lógica patriarcal que valoriza o masculino e inferioriza o feminino. Essa estrutura limita a autonomia, os direitos e as possibilidades das mulheres em diferentes esferas da vida.

Isso significa reconhecer que não existe uma juventude única e homogênea. Existem juventudes plurais, com experiências e realidades muito distintas entre si — e é justamente por isso que precisamos olhar a realidade das juventudes negras com uma lente mais focada, que considere a interseccionalidade como ferramenta de análise e transformação.

### **O que é interseccionalidade?**



A interseccionalidade é um conceito que se refere à análise das opressões que atuam de forma simultânea e interligada — como o racismo, o sexismo e o classismo — e que afetam de maneira específica determinados grupos sociais. Trata-se de uma ferramenta teórica e política oriunda da tradição intelectual de mulheres negras, que buscaram compreender como diferentes formas de opressão se articulam em suas experiências cotidianas e não podem ser compreendidas isoladamente (Akotirene, 2019). Com isso, a interseccionalidade nos permite compreender as desigualdades de forma mais aprofundada, complexa e precisa.

Para compreender de forma justa a realidade das juventudes negras, é essencial adotar uma abordagem interseccional. Isso significa considerar que as experiências vividas por esses jovens não são determinadas por uma única condição social, mas pela combinação de diversos fatores como raça, classe, gênero, território e geração.

Esses pilares da opressão não atuam de forma isolada. Eles se entrecruzam e constroem formas específicas de desigualdade. Uma jovem negra da periferia, por exemplo, pode viver o racismo, o sexismo, a desigualdade econômica e a invisibilidade geracional de maneira simultânea — e isso impacta diretamente suas possibilidades de estudar, trabalhar, sonhar e ser reconhecida com dignidade.

## Geração também é marcador social!



Isso significa que ser jovem pode, por si só, gerar desigualdades, especialmente quando somado a outros fatores. Jovens negros são mais frequentemente alvo da violência policial. Jovens periféricos têm menos acesso a oportunidades de estudo e trabalho. Jovens mulheres negras acumulam responsabilidades de cuidado desde cedo, além de serem as principais vítimas de feminicídio – dados do Relatório Socio-demográfico da Pesquisa June (2025).

Essas realidades mostram que a juventude, quando atravessada por raça, gênero e classe, revela formas muito particulares de viver as desigualdades — e é por isso que a escola precisa enxergar e acolher essas vivências de forma crítica, sensível e transformadora.

### Quer saber mais?

O texto ***Juventude e Marcadores Sociais da Diferença: discutindo cidadania a partir de oficinas de atividades (2015)***, de Késia Maria Maximiano de Melo e Liciara Melissa Von Grafen Prass, discute como juventudes vivem desigualdades a partir das intersecções de raça, classe, gênero e território.

# Mas, na prática, como isso se manifesta?

A pesquisa Juventudes Negras (2025), a partir da análise dos dados do IBGE (2022), evidencia que as jovens negras estão entre os grupos que mais enfrentam desigualdades no Brasil. São elas que mais lidam com barreiras à permanência escolar, muitas vezes causadas por gravidez precoce, sobrecarga com o trabalho doméstico ou pela ausência de redes de apoio. Também estão majoritariamente inseridas em ocupações precárias e com os menores salários, além de serem as que têm menos acesso a serviços de saúde e a direitos básicos.

Esse diagnóstico escancara como as desigualdades de gênero, raça, classe e geração não apenas se somam, mas se entrelaçam e se intensificam na vida de jovens negras. As consequências disso são profundas e impactam diretamente suas trajetórias e possibilidades de vida digna.

## Por exemplo:

### Por que é mais difícil para as jovens negras continuarem na escola?

Quando olhamos as motivações que mais levam as jovens negras a abandonarem os estudos em relação aos jovens negros e aos jovens brancos e brancas, esse grupo é o que mais indica as seguintes razões:

- Não tinha escola ou vaga onde moram;
- Gravidez precoce;
- Necessidade de cuidar da casa ou de outras pessoas, como irmãos, filhos ou avós.

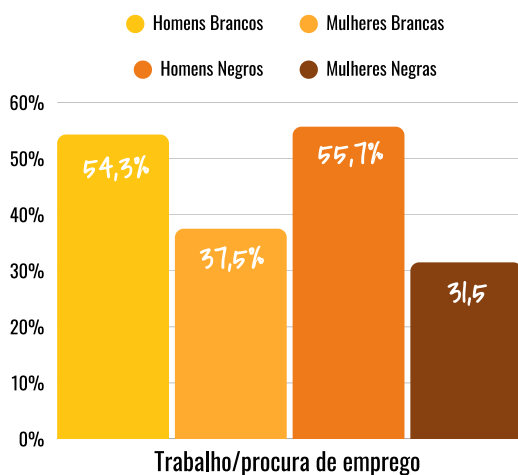
“A minha mãe começou a trabalhar muito cedo... quando engravidou, ela tinha 17 anos, e com 19 ela passou a ser ajudante de professora no ensino infantil. No início eu cheguei a estudar junto com ela na mesma escola [...]. Depois que eu fiquei mais velha, o cuidado mudou, com cinco pras seis anos a minha vó ficava cuidando de mim e dos meus irmãos pra minha mãe trabalhar. Quando eu fiz 11 anos, eu já auxiliava nos cuidados dos meus irmãos, e também na rotina da casa até a minha mãe chegar.”

**Deusa Negra (Luanne Santos)**

## ANÁLISE DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DOS JOVENS FORA DA ESCOLA (2022)

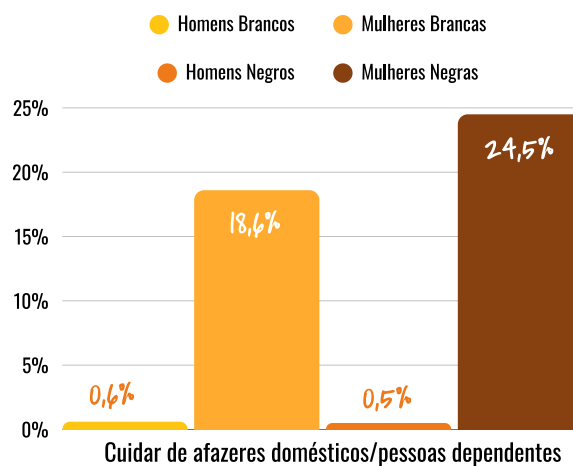
### A) TRABALHAM OU ESTÃO PROCURANDO EMPREGO

TOTAL: 45,2% DA POPULAÇÃO JUVENIL



### B) CUIDADOS COM AFAZERES DOMÉSTICOS OU PESSOAS DEPENDENTES

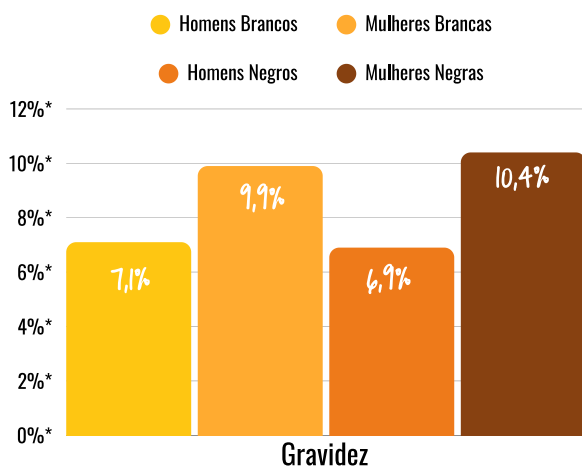
TOTAL: 10,7% DA POPULAÇÃO JUVENIL



## ANÁLISE DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DOS JOVENS FORA DA ESCOLA (2022)

### C) GRAVIDEZ

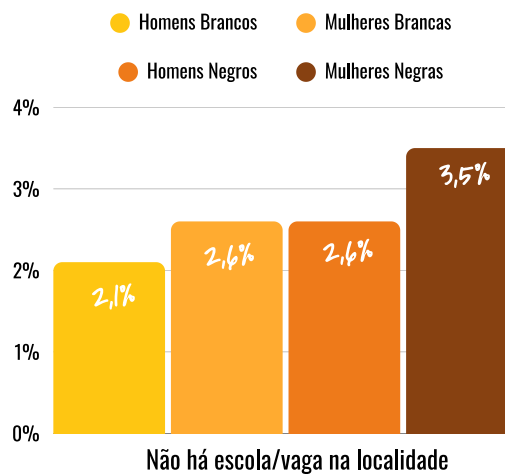
TOTAL: 8,5% DA POPULAÇÃO JUVENIL



\*: Homens foram incluídos na categoria "gravidez" para contexto, mas representam casos indiretos (ex.: paternidade).

### D) NÃO HÁ ESCOLA OU VAGA DISPONÍVEL

TOTAL: 2,8% DA POPULAÇÃO JUVENIL



Fonte: Censo IBGE, 2022.

# Agora vamos pensar:

## quantas vezes você já viu meninas negras sendo responsáveis por tudo isso enquanto ainda tentam estudar?

Quando analisamos os motivos que levam as juventudes a estarem fora da escola, vemos que o principal fator é a necessidade de trabalhar ou estar em busca de emprego. No entanto, para compreender as desigualdades educacionais de forma mais profunda, é fundamental olhar com atenção para os outros motivos — é justamente neles que os maiores índices recaem sobre a juventude negra. Esses dados revelam como as múltiplas opressões enfrentadas pelas juventudes negras se refletem diretamente em sua trajetória escolar, tornando ainda mais urgente o debate sobre permanência, equidade e justiça educacional.

Os dados também mostram algo muito importante: quando o motivo da evasão escolar está relacionado aos afazeres domésticos e ao cuidado de pessoas dependentes, como filhos, irmãos ou avós, são as jovens negras que mais aparecem nessa situação. Isso revela uma realidade que muitas vezes passa despercebida: desde muito cedo, essas meninas e jovens mulheres já estão assumindo responsabilidades que deveriam ser compartilhadas. Trata-se de um trabalho essencial, mas que é invisibilizado e desvalorizado — e que impacta diretamente suas possibilidades de permanecer na escola, sonhar com o futuro e exercer seus direitos plenamente.

Precisamos reconhecer e problematizar essa sobrecarga injusta, que segue naturalizada na sociedade, para construir caminhos de equidade desde a juventude.



### O que é trabalho doméstico remunerado?

O *Guia Básico sobre Trabalho Doméstico e de Cuidado (2024)*, produzido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, afirma que “Trabalho doméstico, enquanto ocupação profissional, é aquele realizado no âmbito residencial da pessoa ou da família, desde que o trabalho não gere lucro para a parte empregadora. Caracteriza-se como um trabalho de cuidado remunerado, compreendendo atividades destinadas à produção de bens e/ou serviços de cuidados, realizados para terceiros em troca de remuneração e benefícios. O serviço doméstico envolve diversas atividades, como as desempenhadas por caseiras(os), faxineiras(os), cozinheiras(os), motoristas, jardineiras(os), babás, cuidadoras(es) de idosos e de pessoas com deficiências, entre outros.”



## O que é um trabalho de cuidado?

Segundo o ***O Guia Básico sobre Trabalho Doméstico e de Cuidado (2024)***, “O trabalho de cuidado envolve tarefas como a preparação de alimentos, limpeza, gestão e organização da casa, bem como as atividades de assistência, apoio e auxílio diários para pessoas com diferentes graus de dependência, como bebês e crianças pequenas, pessoas idosas ou pessoas com deficiência e pessoas em situação de vulnerabilidade, quando essas não conseguem, sozinhas, realizar atividades como alimentar-se, caminhar, utilizar o transporte público, fazer compras, realizar sua higiene, etc”. Conforme o ***Marco Conceitual da Política Nacional de Cuidados do Brasil (2023)***, o cuidado pode ser definido como “um trabalho cotidiano de produção de bens e serviços necessários à sustentação e reprodução da vida humana, da força de trabalho, das sociedades e da economia e à garantia do bem-estar de todas as pessoas. Pode ser realizado de forma remunerada ou não remunerada, de maneira direta (com interação face-a-face) ou indireta (sem essa interação), por familiares, agentes institucionais e profissionais. Trata-se de um trabalho que envolve recorrência e possibilidade de compartilhamento”.

## Quer saber mais?

***Marco Conceitual da Política Nacional de Cuidados (2023)***, elaborado pela Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. Esse documento aprofunda os conceitos e objetivos da política, trazendo uma base sólida para reflexões sobre cuidado como direito, trabalho e responsabilidade coletiva. Ideal para quem deseja compreender os fundamentos teóricos e práticos da Política Nacional de Cuidados no Brasil.

### Sobre o trabalho doméstico e de cuidado:

Indicamos o livro ***Trabalho Doméstico e de Cuidados (2008)***, organizado por Maria Lucia da Silveira e Neuza Tito, que aprofunda o debate sobre esse tipo de trabalho, geralmente invisibilizado, e sua importância central na organização da vida.

Seja remunerado — quando feito para terceiros — ou realizado dentro do próprio núcleo familiar, o trabalho doméstico e de cuidado é essencial para a manutenção da vida. Essas definições nos ajudam a entender sua centralidade: sem que as necessidades básicas sejam atendidas — como alimentação, limpeza, cuidado com crianças, idosos ou pessoas doentes —, como seria possível sair para trabalhar, estudar ou socializar?

Esse é o tipo de trabalho que sustenta todos os outros. Ele é a base invisível que garante o funcionamento da sociedade. E, justamente por isso, precisa ser valorizado. Se é tão essencial, é justo e necessário que seja distribuído de forma equitativa entre todas as pessoas. E, quando for remunerado, que seja reconhecido com salários dignos, direitos trabalhistas e proteção social.

## Quer saber mais?

Sobre interseccionalidade na vida das mulheres negras no Brasil:

Recomendamos o livro ***Por um Feminismo Afro-latino-americano (2020)***, de Lélia Gonzalez, uma das principais intelectuais negras brasileiras. A obra ajuda a entender como raça, gênero e classe se cruzam na experiência histórica das mulheres negras no país a partir de um compilado de textos acadêmicos, artigos de opinião e discursos políticos.



# LÉLIA GONZALEZ

## e suas contribuições para pensar o trabalho de cuidado no Brasil

Lélia Gonzalez foi uma grande ativista, antropóloga e intelectual negra brasileira. É uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e participou ativamente de vários movimentos sociais de lutas feministas e de cunho partidário. Foi candidata a deputada federal em 1982 e 1986 e fez diversas contribuições como o desenvolvimento do conceito de “amefricanidade” a fim de entender a experiência negra na diáspora africana e contrapor-se à ideia de democracia racial no Brasil.

Ao longo de sua produção acadêmica, fortalecida pela trajetória ativista, Lélia nos apresentou análises complexas sobre como as relações de raça, gênero e classe estabeleceram as bases para o sistema econômico que vivenciamos no Brasil. Mesmo antes da existência do termo “interseccionalidade”, a autora consolidou análises interseccionais para interpretar a sociedade brasileira, com obras referenciadas como “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984) e “Por um feminismo afro-latino-americano” (1983).

Em A categoria político-cultural de amefricanidade (1988), Lélia nos apresenta a noção de “**racismo por denegação**”, vigente no Brasil. Sustentado pelo “incentivo” histórico à miscigenação e por ideologias de branqueamento, essa forma de racismo atua negando os traços, ancestralidades, contribuições e formas de resistência das populações negras e indígenas. Em seus textos e discursos, **González demonstrou como as mulheres negras ocupam a base da pirâmide socioeconômica e política**, posição que não se explica apenas pela herança escravista, mas pela permanência de estruturas de poder que articulam raça, gênero e classe até os dias atuais.

## Da cozinha e do quarto de criança, a mãe preta fez da casa-grande um quilombo de memória e resistência:

Vale destacar que Lélia retoma a figura histórica da mucama — trabalhadora doméstica encarregada de cuidar da casa, criar crianças brancas e atender aos desejos sexuais dos senhores colonos e de seus filhos — não apenas para denunciar as violências sofridas por elas, mas também para **evidenciar suas estratégias de resistência, frequentemente apagadas pela história oficial**. Na função de ama de leite, a “mãe preta” foi um agente de resistência dentro da casa-grande: assumindo o lugar materno das crianças brancas, transmitiu narrativas, ensinamentos e modos de falar que perpetuaram, de geração em geração, elementos da herança negro-africana na cultura brasileira. Mesmo em condições marcadas pelo racismo e sexismo estruturais, essas mulheres ressignificaram seu papel, **transformando o espaço doméstico, imposto como lugar de submissão, em território de produção e preservação cultural**.

### Quer saber mais?

A resistência das mulheres empregadas domésticas é uma luta constante até hoje, elas não se calam sobre as violências que sofrem em seus cotidianos e lutam por seus direitos trabalhistas. Conheça o livro ***Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada (2019)***, de Preta Rara, autora e criadora do perfil @euempregadadomestica, que ganhou projeção por divulgar relatos sobre a condição de trabalho das trabalhadoras domésticas no Brasil.





# Dados e evidências: o que diz a Pesquisa JUNE

Nesta seção, compartilhamos alguns dos principais achados da pesquisa Juventudes Negras (JUNE), realizada pelo Em Movimento, em parceria com a UneAfro Brasil e com a PerifaConnection, com consultoria técnica de Sankofa Consultoria em Equidade. Destacamos os dados evidenciados pelo relatório sociodemográfico que traça o perfil das juventudes negras em todo o país. A pesquisa reúne e organiza indicadores sociais fundamentais para compreender as condições de vida das juventudes negras no Brasil.

Acreditamos que, para construir debates comprometidos com a transformação das desigualdades, é essencial ter dados e evidências como ponto de partida. Ter acesso a informações atualizadas e confiáveis sobre gênero, raça e geração é um passo importante para compreender as múltiplas formas de exclusão que atravessam a vida das juventudes negras e para pensar, coletivamente, estratégias de enfrentamento a essas desigualdades nos mais diversos espaços educativos. Esses dados podem ser usados em rodas de conversa, oficinas, atividades de formação, grupos de estudo, intervenções comunitárias, debates e outros formatos que mobilizem as pessoas a refletirem criticamente sobre o Brasil em que vivemos e os papéis sociais que ocupamos.

Por isso, a cada subseção de dados, sugerimos perguntas geradoras como ferramentas de apoio à reflexão crítica. Essas perguntas estão ancoradas na tradição pedagógica de Paulo Freire, que apostava na força do diálogo e da conscientização como caminhos de transformação. As perguntas geradoras são centrais para práticas educativas populares e emancipatórias. Elas partem do princípio de que todas as pessoas são sujeitos de saberes e experiências, e não devem receber o conhecimento de forma passiva. Pelo contrário, são convidadas a problematizar sua realidade e buscar coletivamente caminhos de mudança. As perguntas não trazem respostas prontas, mas provocam o pensamento, a escuta, o encontro e a ação coletiva.

Chamam-se “geradoras” justamente porque geram debate, questionamento e desejo de transformação — são pontos de partida para que educadores, educadoras, jovens e coletivos possam nomear as injustiças, compreender seus atravessamentos e construir novas possibilidades de convivência.

A seguir, vamos conhecer alguns dados. A proposta é analisá-los, refletir sobre o que revelam e pensar, de forma conjunta, como esses números dialogam com as vivências e os desafios das juventudes negras nos territórios onde atuamos, além de pensar como elaborar e implementar, coletivamente, soluções para os problemas que encontramos em nossas comunidades.

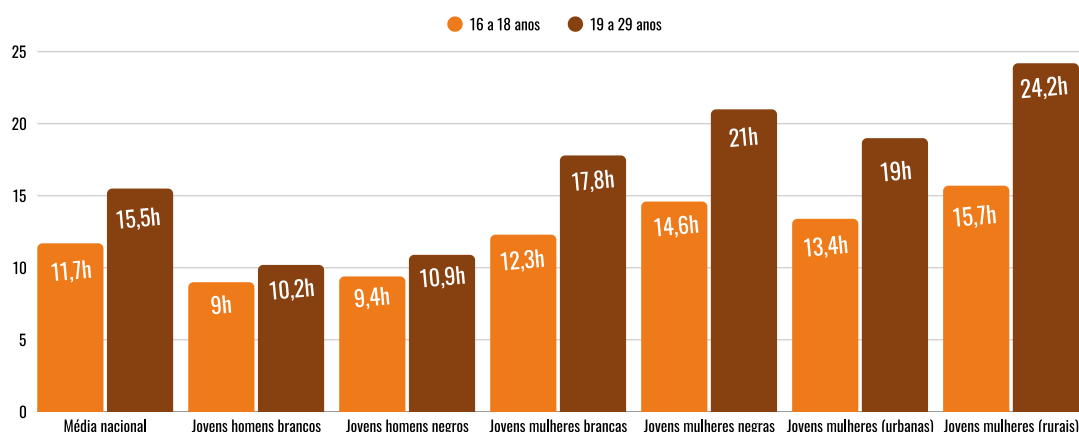
# Tempo dedicado ao trabalho doméstico e de cuidado

Na seção anterior, vimos como o trabalho de cuidado — como cuidar de irmãos, filhos, pessoas idosas ou realizar trabalhos domésticos — impacta diretamente a trajetória escolar das jovens mulheres negras, sendo uma das principais razões para o abandono ou evasão escolar.

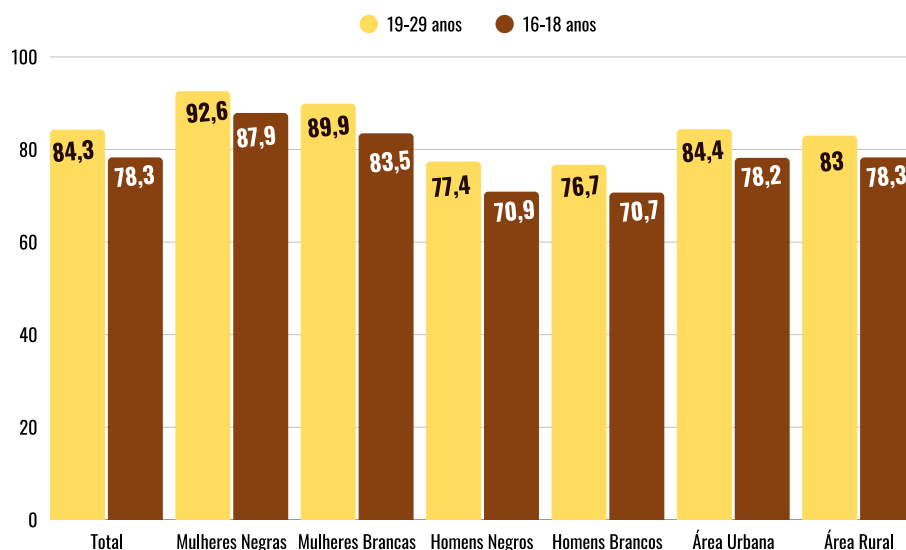
Essas responsabilidades, muitas vezes invisibilizadas, não surgem apenas na vida adulta. Elas começam ainda na infância ou na juventude e têm consequências importantes no presente e no futuro dessas jovens.

A Pesquisa JUNE nos ajuda a entender com mais profundidade essa realidade ao apresentar dados sobre o tempo dedicado pelas juventudes ao trabalho doméstico e de cuidado não remunerado.

## TRABALHO NÃO REMUNERADO – MÉDIA DE HORAS SEMANAIS



## PARTICIPAÇÃO DE JOVENS EM TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO (%)



Fonte: PNAD IBGE, 2022.

Os dados da pesquisa JUNE mostram que, entre as juventudes brasileiras, o tempo médio semanal dedicado ao trabalho doméstico e de cuidado não remunerado é de 11,7 horas para jovens de 16 a 18 anos e de 15,5 horas para aqueles entre 19 e 29 anos. Na faixa de 16 a 18 anos, as meninas já concentram mais horas nessas atividades do que os meninos — e, entre elas, as diferenças se aprofundam: meninas negras dedicam, em média, 14,6 horas semanais, enquanto meninas rurais chegam a 15,7 horas. Esses números merecem atenção porque essa é a fase escolar, especialmente do ensino médio, em que as jovens deveriam ter tempo para estudar, conviver e se desenvolver, mas já assumem responsabilidades que poderiam ser mais bem distribuídas socialmente.

Quando avançamos para as outras faixas etárias de juventude, essa sobrecarga cresce de forma significativa: jovens mulheres negras chegam a dedicar 21 horas semanais ao cuidado, e as jovens mulheres rurais, 24,2 horas — muito acima da média nacional. Essa carga desproporcional, frequentemente naturalizada pela sociedade, compromete o tempo dessas jovens para estudar, descansar, se divertir e participar da vida pública. Trata-se de uma desigualdade estrutural que afeta diretamente suas oportunidades de desenvolvimento e autonomia — e que precisa ser enfrentada com políticas públicas, reconhecimento e transformação cultural.



**“Quando a gente olha para as políticas públicas, especialmente essas que trazem cuidado, a juventude negra é deixada de lado... ou é usada como narrativa, mas não com atitudes que vão impactar a nossa geração, que vão impactar a nossa realidade, que vão impactar o nosso cotidiano, ou que vão trazer pautas que tratem das nossas especificidades, das nossas interseccionalidades.”**

**Deusa Negra (Luanne Santos)**

Refletir sobre isso é essencial para visibilizar essa desigualdade e engajar a sociedade na construção de um mundo mais justo e igualitário.

### **Perguntas Geradoras:**

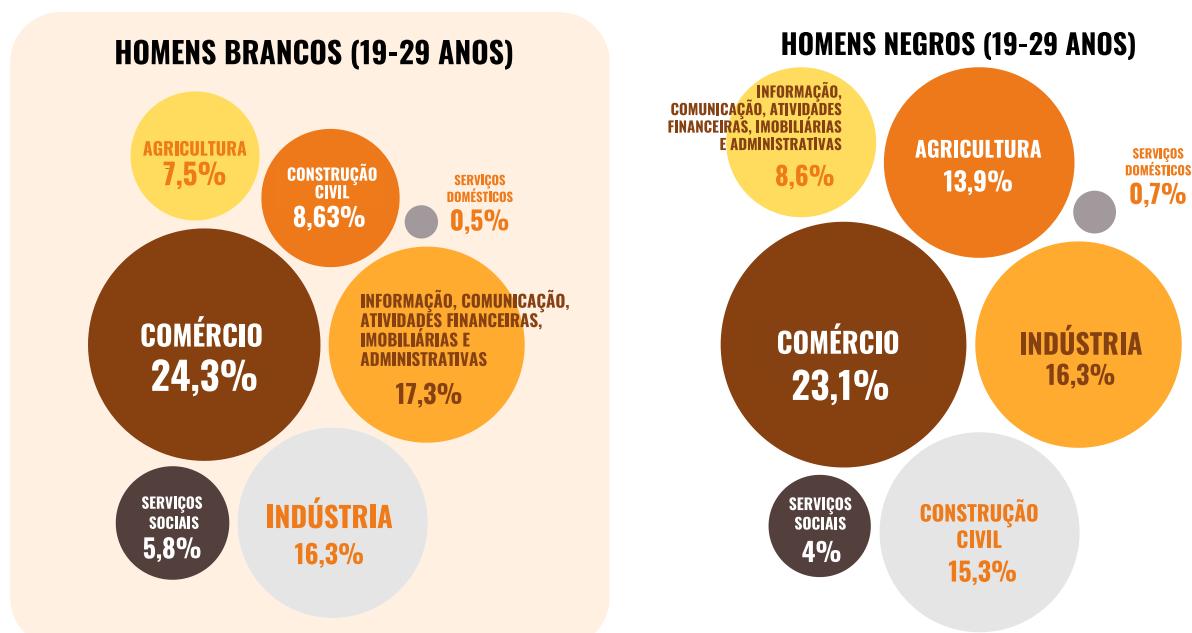
- Quem costuma lavar, cozinhar, limpar ou cuidar de outras pessoas na sua casa?
- O que acontece com os estudos de uma menina ou jovem que precisa cuidar da casa todos os dias?
- O que poderia mudar para que cuidar da casa não seja responsabilidade de uma só pessoa?

# Desigualdades no mundo do trabalho

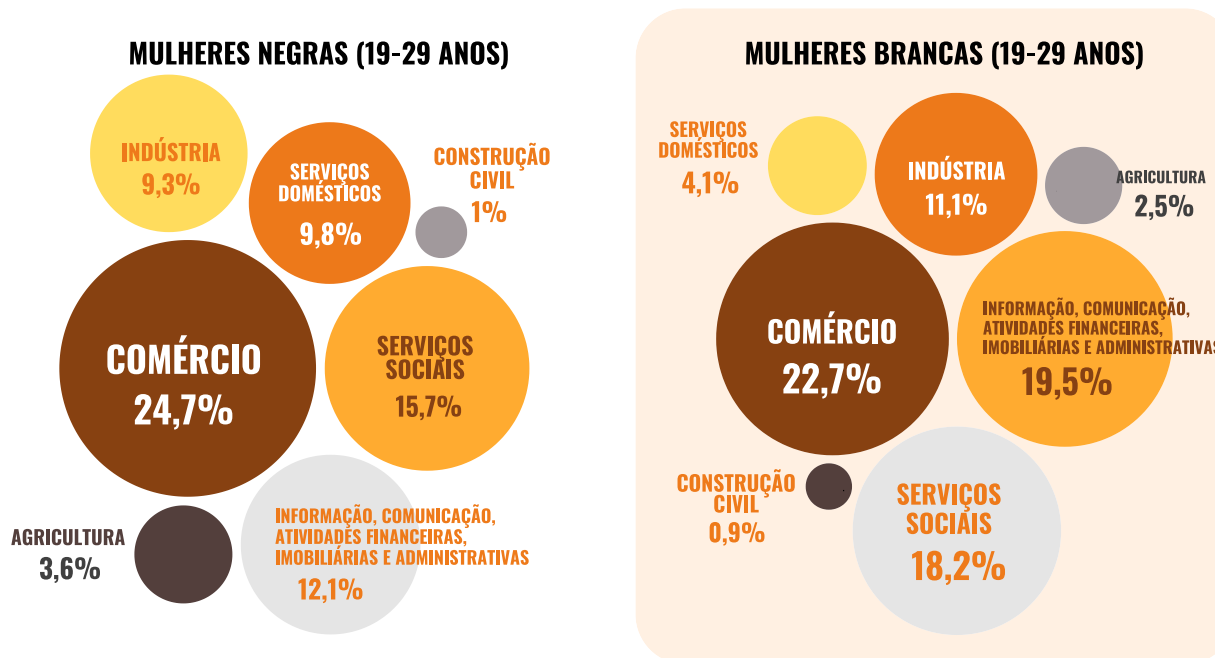
Já observamos que, entre as juventudes, a divisão social do trabalho de cuidado não remunerado — que inclui o trabalho doméstico — recai de forma desigual e injusta sobre as mulheres jovens, e isso se agrava ainda mais quando falamos de mulheres jovens negras. Mas e quando esses jovens passam a ocupar a esfera do trabalho remunerado? O que acontece?

Os dados da Pesquisa JUNE mostram que as desigualdades de gênero e raça se reproduzem significativamente nas trajetórias ocupacionais e nos setores que mais absorvem a força de trabalho das juventudes negras. Ao analisarmos os tipos de ocupação entre jovens de 19 a 29 anos nos setores com maior participação — como comércio, serviços sociais, comunicação, indústria, agricultura, construção civil e trabalho doméstico — fica evidente que a inserção no mercado de trabalho também é atravessada por hierarquias estruturais.

## DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DA FORÇA DE TRABALHO - JOVENS DE 19-29 ANOS



Fonte: PNAD IBGE, 2022.



Fonte: PNAD IBGE, 2022.

- Jovens homens brancos concentram 24,3% de sua força de trabalho no setor comercial, seguidos por 17,3% no setor de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 16,3% na indústria; 8,6% na construção civil; 7,5% no setor agrícola; 5,8% nos serviços sociais e 0,5% em serviços domésticos;
- Jovens homens negros apresentam 23,1% de inserção no setor comercial; 16,3% na indústria; 15,3% na construção civil; 13,9% no setor agrícola; 8,6% no setor de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 4% nos serviços sociais e 0,7% nos serviços domésticos;
- Jovens mulheres brancas têm 22,7% da força de trabalho concentrada no setor comercial; 19,5% no setor de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 18,2% em serviços sociais; 11,1% na indústria; 4,1% nos serviços domésticos; 2,5% no setor agrícola e 0,9% na construção civil;
- Já entre as jovens mulheres negras, 24,7% atuam no setor comercial; 15,7% em serviços sociais; 12,1% no setor de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 9,8% em serviços domésticos; 9,3% na indústria; 3,6% no setor agrícola e 1% na construção civil.

Os dados revelam que, embora o setor comercial seja o principal destino ocupacional para todos os grupos de jovens entre 19 e 29 anos, há diferenças significativas nas ocupações seguintes: jovens homens brancos tendem a ocupar mais postos em áreas de escritório e serviços especializados (como informação, comunicação e atividades financeiras), jovens homens negros estão mais presentes em trabalhos braçais (como indústria e construção civil), jovens mulheres brancas concentram-se também em setores de escritório e serviços sociais, enquanto jovens mulheres negras seguem fortemente alocadas em trabalhos de cuidado — tanto nos serviços sociais quanto no trabalho doméstico.

Esses dados evidenciam que, ao transitar da esfera do cuidado não remunerado no ambiente familiar para o mundo do trabalho formal, as jovens negras continuam exercendo funções marcadas pela desvalorização e pela sobrecarga. Assim, perpetua-se um ciclo de desigualdade que se inicia ainda na juventude e segue ao longo da vida adulta.

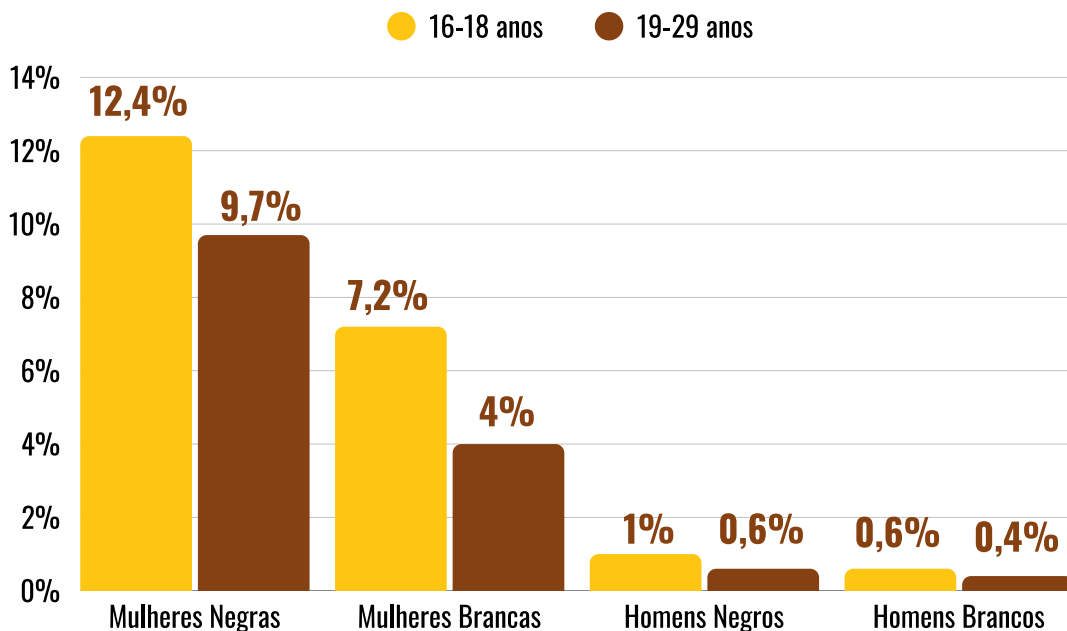
### **Perguntas Geradoras:**

- Você já ouviu alguém dizer que certa tarefa é “coisa de mulher” ou “não exige esforço”? Que tipo de tarefa é essa?
- Você acha que o trabalho doméstico é valorizado como os outros tipos de trabalho?
- Como a sociedade costuma tratar quem trabalha com limpeza, cozinha ou cuidando de outras pessoas?

Ao observarmos em específico o trabalho doméstico remunerado — aquele realizado para outras famílias, em troca de pagamento — percebemos um cenário que revela desigualdades marcantes de gênero e raça. Segundo os dados da pesquisa JUNE (com base no IBGE/2022), esse tipo de trabalho representa 4,5% das ocupações entre jovens de 16 a 18 anos e 3,3% entre os de 19 a 29 anos. No entanto, quando olhamos mais de perto quem está nesses postos de trabalho, um dado se destaca: as jovens mulheres negras são maioria.

Elas ocupam 12,4% das posições de trabalho doméstico na faixa de 16 a 18 anos e 9,7% entre 19 a 29 anos — números muito acima da média geral. As jovens mulheres brancas também aparecem acima da média, com 7,2% (16 a 18 anos) e 4% (19 a 29 anos), mas em proporções quase metade das registradas entre as mulheres negras.

# TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO



Fonte: PNAD IBGE, 2022.

Já os jovens homens, tanto brancos quanto negros, estão significativamente abaixo da média: jovens homens negros aparecem com 1% (16 a 18 anos) e 0,6% (19 a 29 anos); jovens homens brancos com 0,6% e 0,4%, respectivamente.

Esses números evidenciam que, mesmo quando o trabalho doméstico e de cuidado é remunerado, segue sendo socialmente destinado às mulheres — especialmente às mulheres negras.

## Perguntas Geradoras:

- Por que tantas jovens negras continuam cuidando de outras pessoas, mesmo quando entram no mercado de trabalho?
- Por que as jovens negras acabam, na maioria das vezes, nos trabalhos mais difíceis e menos valorizados?
- Como o tipo de trabalho que uma pessoa faz pode afetar sua vida, seus direitos e o futuro que ela pode ter?

# POR QUE AS JOVENS NEGRAS SÃO AS MAIS IMPACTADAS PELO TRABALHO DE CUIDADO?

As jovens negras estão entre as mais afetadas pela divisão desigual do trabalho doméstico e de cuidado — e isso não é por acaso. Essa realidade tem raízes profundas na história do Brasil, marcada por desigualdades raciais, de gênero e de classe.

Durante o período da escravidão, as mulheres negras foram forçadas a cuidar das casas e das famílias das pessoas brancas. Muitas vezes, deixavam de cuidar dos próprios filhos para exercer esse papel nas casas grandes. As chamadas “mães pretas” simbolizam esse lugar social imposto às mulheres negras: o de cuidadoras invisibilizadas, sem direitos, sem reconhecimento e sem escolha.

Essa lógica não ficou no passado. Ao longo do tempo, ela foi sendo reproduzida — como se cuidar da casa, da família e dos outros fosse uma obrigação natural das mulheres, principalmente das mulheres negras. Isso ajudou a construir uma ideia equivocada de que esse tipo de trabalho “é coisa de mulher”, ou ainda, “é coisa de mulher negra”. Precisamos questionar o que foi naturalizado historicamente e construir com a sociedade uma visão crítica sobre essa divisão injusta do cuidado. Se cuidar é um trabalho fundamental para a vida, ele deve ser valorizado, compartilhado e reconhecido por todos.

Cuidar é, sim, uma tarefa importante. Mas não pode ser uma responsabilidade que recaia sempre sobre os mesmos corpos. A educação tem um papel fundamental em desconstruir estigmas e ajudar a formar uma nova geração que compreenda o cuidado como uma responsabilidade coletiva. Essa sobrecarga também impacta diretamente as possibilidades de formação, participação e construção de trajetórias próprias. Se as mulheres negras estão constantemente dedicadas ao cuidado com os outros, em que momento podem cuidar de si e se priorizarem?

Quando, apesar de todas as adversidades, conseguem alcançar objetivos educacionais ou profissionais, é comum que ainda precisem reafirmar que cuidam de si — como se o valor de suas conquistas estivesse atrelado à imagem de mulheres fortes e incansáveis. É preciso compreender que o cuidado, para além do afeto, funciona historicamente como uma estratégia de controle social e econômico: afinal, é uma forma de garantir que outros trabalhos e vidas sigam seu curso. O funcionamento dessa lógica exige que alguém abra mão de si — e, de forma sistemática, esse lugar tem sido ocupado pelas mulheres negras, que sustentam o direito de outros à dignidade enquanto a sua própria é constantemente adiada.

# COM A PALAVRA DEUSA NEGRA



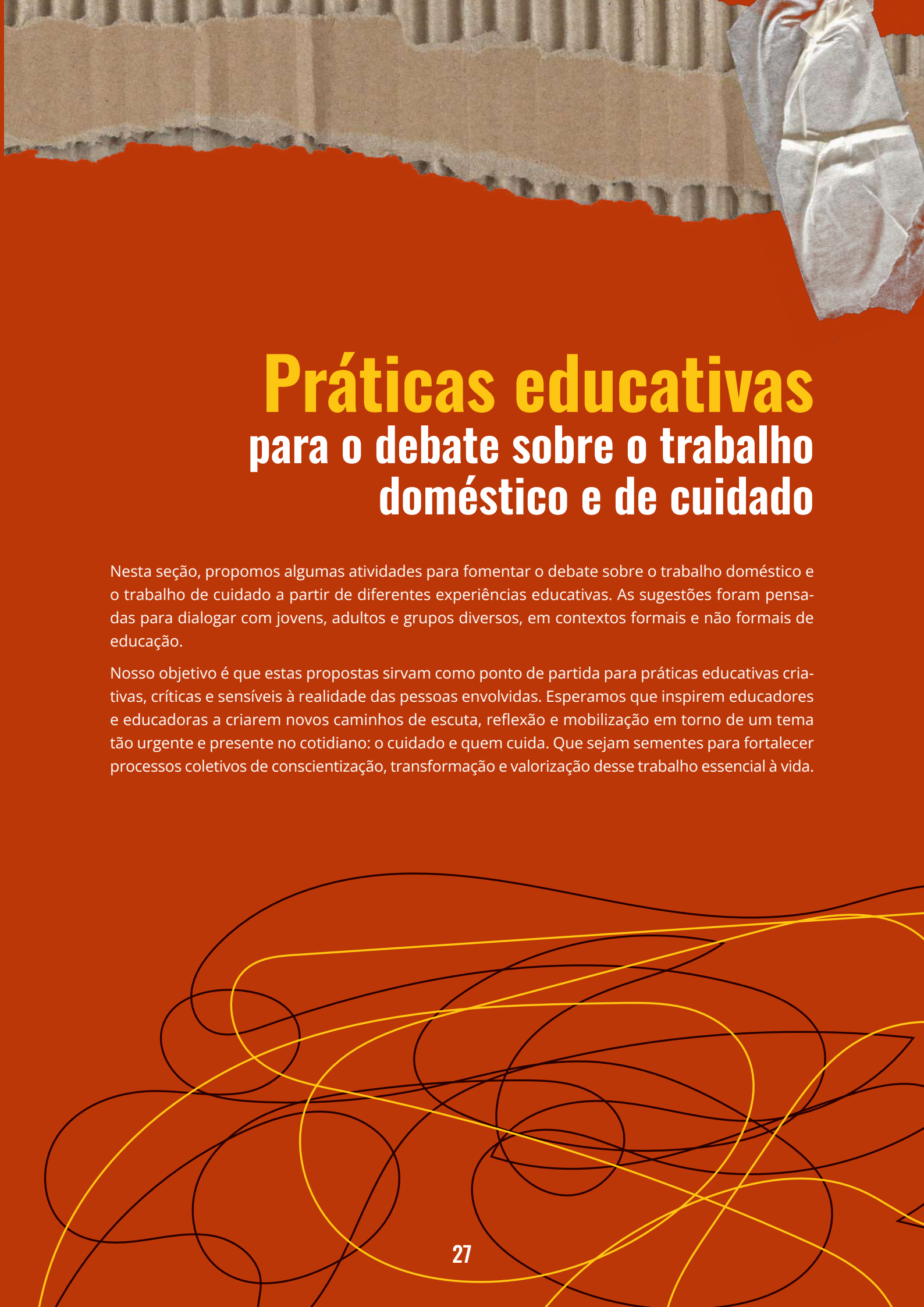
“Eu sou a única mulher e a filha mais velha. Então, eu via que essa responsabilidade do cuidado, dos afazeres domésticos impactavam na minha rotina; impactavam também na minha negritude, na minha construção enquanto mulher negra, e com a gestação isso também influenciou... eu cheguei a iniciar a faculdade... logo em seguida engravidei no segundo semestre da faculdade, e isso impactou no meu sonho, nas minhas escolhas de vida e de como eu percebia que o cuidado era uma obrigação minha, não há algo voluntário. Com a maternagem, isso foi um atravessamento também, mas, ao mesmo tempo, me influenciou a trazer essa discussão como pauta pra o meu ativismo, como pauta pra jovens mulheres negras que são mães e como pauta pra nossa dignidade. Acho que isso me motivou também a construir novas pontes, novas visões, novos futuros pras novas gerações, pras minhas filhas... pra elas entenderem também como isso impacta na nossa construção enquanto mulher negra.”

**Deusa Negra (Luanna Santos)** é mãe da Bella Liz e está à espera de Amahle. Mulher negra da periferia de Mauá, São Paulo, afirma sua trajetória como multiartista underground do ABCDMRR Paulista — produtora cultural, cantora, poetisa e toaster. É jovem ativista do projeto Mude com Elas e articuladora política do Mulheres Negras Decidem em São Paulo. Atua também como Agente Territorial de Cultura pelo PNCC-SP e MINC. Organizadora da Batalha Donas da Rua em Santo André, integra o Núcleo Hip Hop das Minas do ABCDMRR. É idealizadora e produtora cultural-executiva do projeto Grave ao Groove e integrante do Xirê das Pretas. Militante e comunicadora, fortalece o Coletivo Aquilombar, somando sua arte, voz e presença na luta e na construção de espaços de resistência, ancestralidade e criação coletiva.

## Conheça o Projeto Mude Com Elas:

O **projeto Mude com Elas**, que tem como um dos seus realizadores a organização Ação Educativa, é uma iniciativa que promove espaços de diálogo democrático voltados às jovens mulheres negras, buscando fortalecer ações de formação, inclusão profissional e incidência política para esse segmento.





# Práticas educativas para o debate sobre o trabalho doméstico e de cuidado

Nesta seção, propomos algumas atividades para fomentar o debate sobre o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado a partir de diferentes experiências educativas. As sugestões foram pensadas para dialogar com jovens, adultos e grupos diversos, em contextos formais e não formais de educação.

Nosso objetivo é que estas propostas sirvam como ponto de partida para práticas educativas criativas, críticas e sensíveis à realidade das pessoas envolvidas. Esperamos que inspirem educadores e educadoras a criarem novos caminhos de escuta, reflexão e mobilização em torno de um tema tão urgente e presente no cotidiano: o cuidado e quem cuida. Que sejam sementes para fortalecer processos coletivos de conscientização, transformação e valorização desse trabalho essencial à vida.

## Roda de conversa com perguntas geradoras

A roda de conversa é uma metodologia potente para trabalhar temas complexos de forma participativa, sensível e crítica. Ao reunir as pessoas em círculo, essa proposta rompe com estruturas hierárquicas tradicionais e valoriza a escuta, o diálogo e o compartilhamento de experiências. É um espaço que reconhece que todas as pessoas têm saberes, trajetórias e formas legítimas de interpretar o mundo.

Neste caderno, temas como o trabalho doméstico e de cuidado, as desigualdades de gênero, raça, classe e geração, podem ser abordados a partir das vivências concretas das pessoas que participam do processo educativo — seja em escolas, coletivos, organizações comunitárias, movimentos sociais ou espaços culturais.

Para conduzir uma roda de conversa, é fundamental que o/a educador/a crie um ambiente acolhedor, onde todos se sintam seguros para falar. Deixe claro que não há respostas certas ou erradas e incentive que os participantes falem a partir de suas próprias histórias, sentimentos e percepções. Esteja atento/a à diversidade de vozes e promova um espaço de respeito mútuo.

As **perguntas geradoras** que aparecem ao longo deste caderno foram pensadas como disparadoras para este momento. Elas podem ser organizadas por eixos temáticos, sorteadas em pequenos grupos ou adaptadas conforme o perfil do grupo participante e o tempo disponível.

Ao final da roda, sugerimos uma sistematização criativa da conversa: pode ser um mural coletivo com frases, desenhos, palavras ou outras linguagens que expressem o que foi debatido. Essa atividade ajuda a valorizar a expressão simbólica e reforça a construção coletiva do conhecimento. Trabalhar com rodas de conversa em espaços educativos é também uma forma de praticar o cuidado como responsabilidade coletiva — um cuidado que se constrói na escuta, no vínculo e no compromisso com a transformação social.

## Leitura e debate de textos literários escritos por mulheres negras

A literatura é uma poderosa ferramenta para compreender as realidades sociais e as marcas deixadas pelas desigualdades ao longo da história. Para abordar o trabalho doméstico e de cuidado, um passo fundamental é trazer autoras mulheres — especialmente mulheres negras — que relataram com profundidade as experiências vividas por gerações de trabalhadoras em condições de desigualdade, sobrecarga e desvalorização.

Entre essas autoras, no Brasil, Carolina Maria de Jesus ocupa um lugar central. Mulher negra, moradora de favela e escritora, sua obra é um dos marcos da literatura brasileira. Por meio de seus diários e relatos, Carolina revelou ao país as dores, resistências e estratégias de sobrevivência das pessoas pobres e negras no Brasil. Sua produção literária denuncia a desigualdade estrutural e dá voz àquelas que historicamente foram silenciadas. Por isso, recomendamos fortemente sua leitura para as atividades que envolvem o tema do nosso caderno.

Para exemplificar como podemos trabalhar a partir de textos, destacamos aqui um trecho do livro *Diário de Bitita*, em que Carolina descreve, de forma vívida e crítica, o cotidiano das mulheres negras que exerciam o trabalho doméstico nas casas das elites:

**As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar na casa das patroas para acenderem o fogo e prepararem a refeição matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus lares.**

**A empregada era obrigada a cozinhar, lavar e passar. As refeições deveriam ser preparadas com arte: cestinhas de tomates, recheadas com maionese, cestinhas de batatas, recheadas com presunto moído, azeitonas etc. As refeições eram servidas assim: primeiro uma sopa; após a sopa, servia-se arroz, feijão, carne e salada. Quando serviam peixes, usavam-se outros pratos e outros talheres. Por fim, a sobremesa e o café.**

**Quanta louça, talheres e panelas para serem lavadas! E tinha que arear os talheres. Lavar os ladrilhos, enxugá-los com panos. Deixavam o trabalho às onze da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem:**

**- Meu Deus! Estou tão cansada!**

A comida que sobrava elas podiam levar para as suas casas. E nas suas casas, seus filhos, que elas chamavam de negrinhos, ficavam acordados esperando a mamãe chegar com a comida gostosa das casas ricas. No jantar as cozinheiras faziam comida a mais, para sobrar. A mesma comida que os patrões comiam no almoço, não era servida no jantar. [...]

Aos sábados, as cozinheiras iam aos bailes. Que suplício cozinhar aos domingos, com sono. Mas depois do almoço elas podiam sair, passear até às quatro horas, e voltar para preparar o jantar. E elas não se “saciavam”.

No sábado seguinte iam dançar novamente até às seis da manhã. Aos domingos elas deviam ir mais tarde para o trabalho, porque as patroas queriam dormir até às sete horas.

Quando as cozinheiras sentiam sono, iam lavar o rosto na água fria para despertá-lo. O único medo era de salgar a comida e a patroa dar conta. Havia muitas pessoas para trabalhar e pouquíssimos os locais de trabalho. A patroa era tratada como se fosse uma santa no altar. Se as patroas estivessem nervosas, as empregadas deveriam dizer:

- Sim senhora!

Se estivessem amáveis tinha que dizer:

- Sim senhora! (Jesus, 2007, p. 37-39)

Como dito, o trecho que propomos para análise faz parte do livro Diário de Bitita, obra em que Carolina Maria de Jesus relata suas memórias de infância e juventude. “Bitita” era o apelido que a autora recebia quando criança, e é a partir desse olhar sensível e crítico que ela nos convida a mergulhar em sua vivência e nas experiências de outras mulheres negras e pobres em um Brasil ainda fortemente marcado pelas heranças do regime escravocrata.

O livro retrata o cotidiano da autora na primeira metade do século XX — um momento de profundas transformações sociais e políticas no país. Embora formalmente o Brasil já tivesse abolido a escravidão, as estruturas de desigualdade racial, de classe e de gênero seguiam operando com força total. Mulheres negras, como Carolina e tantas outras, continuavam ocupando o lugar de trabalho pesado, invisível e desvalorizado: o trabalho doméstico e de cuidado.

Ao abordar essa obra, é fundamental realizar uma breve contextualização histórica, explicando quem foi Carolina Maria de Jesus, qual período ela retrata e por que sua produção literária é tão relevante para entendermos o Brasil — especialmente do ponto de vista das mulheres negras.

Após essa introdução, o trecho proposto pode ser utilizado como ponto de partida para instigar a reflexão crítica. A seguir, sugerimos algumas perguntas geradoras para conduzir o debate:

**O que Carolina expressa sobre sua realidade?** Quais sentimentos e percepções aparecem nas suas descrições?

**Em que medida esse relato se conecta com as informações trazidas pelo caderno?** Quais continuidades podemos perceber entre o tempo de Carolina e o presente?

**O texto de Carolina fala de um cotidiano de trabalho doméstico e de cuidado. Que ausências podemos notar nessa organização?** Quem não aparece nesse cenário de trabalho? Há homens participando desses cuidados?

**Quais mulheres estão cuidando? E como se dá a relação entre elas?** O que isso nos revela sobre desigualdades entre mulheres de diferentes grupos sociais?

Depois da leitura e do debate, uma forma interessante de concluir a atividade é propor que as pessoas escrevam uma carta endereçada à Carolina Maria de Jesus. A proposta é imaginar que Carolina está viva nos dias de hoje e que queremos contar a ela o que mudou — e o que infelizmente ainda permanece igual — com relação à realidade das mulheres negras, ao trabalho doméstico e ao trabalho de cuidado no Brasil.

A carta pode conter reflexões pessoais, impressões sobre a leitura e conexões com o cotidiano das pessoas que estão no debate, suas comunidades e famílias.

### **VOCÊ PODE FAZER PERGUNTAS COMO:**

- Se você pudesse conversar com Carolina, o que gostaria de contar sobre o Brasil de hoje?
- O que você acha que ela gostaria (ou não) de saber?
- Que avanços tivemos em relação à valorização das mulheres negras e do trabalho doméstico?
- O que continua sendo um desafio, e por quê?
- Como você imagina o cuidado no futuro? Que mudanças gostaria de ver acontecendo?
- O que você aprendeu com a leitura do trecho de Carolina?

**Dica:** essa atividade pode ser feita individualmente ou em pequenos grupos, e pode ser adaptada para formatos criativos, como vídeo-cartas, podcasts, cartas ilustradas ou peças de teatro. Ao final, é interessante promover um momento de partilha das cartas com o grupo.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

# Oficina: Quem cuida de quem cuida?

O objetivo da oficina é refletir sobre a distribuição do trabalho doméstico e de cuidado no cotidiano das pessoas, evidenciando os papéis atribuídos socialmente — especialmente às mulheres — e a ausência de cuidado com aquelas que mais cuidam. Estimular a percepção crítica sobre desigualdades e a valorização do cuidado como responsabilidade coletiva.

### **Materiais necessários**

- Papel kraft ou cartolinas grandes
- Canetas, lápis, pincéis atômicos e/ou post-its
- Fita adesiva
- Espaço amplo para circulação (sala de aula, auditório, salão comunitário etc.)

### **1. Acolhida e introdução ao tema (10 min)**

Apresente a oficina contextualizando o debate a partir de perguntas provocadoras, como:

- Você já parou para pensar em quantas tarefas de cuidado fazem parte da sua vida?
- Quem costuma realizá-las? E quem cuida dessas pessoas?
- Explique que o objetivo da atividade é refletir sobre isso com atenção e afeto.

### **2. Mapeamento dos cuidados (25 min)**

#### **ETAPA INDIVIDUAL (15 MIN):**

Cada participante deverá responder, em uma folha ou cartão individual:

- Quais são os trabalhos de cuidado que você vivencia ou observa no seu cotidiano? (ex: fazer comida, cuidar de alguém doente, arrumar a casa, ajudar com lição de casa, levar ao médico, ouvir problemas etc.)
- Quem realiza essas tarefas? Se quiser, pode citar nomes. Mas o mais importante é identificar o papel dessas pessoas: mãe, avó, tia, irmã, vizinha, pai, filho etc.
- Quem é, na sua percepção, a pessoa que mais cuida?
- E quem cuida dessa pessoa?

### ETAPA EM GRUPO (10 MIN)

Em pequenos grupos (4 a 6 pessoas), compartilhem entre si o que escreveram. Organizem as tarefas e os papéis em um cartaz ou cartolina. Podem usar post-its para nomear as tarefas e as pessoas cuidadoras, agrupando por afinidade.

---

### 3. Compartilhamento e roda de conversa (20 min)

Convide os grupos a colarem seus cartazes em uma parede ou mural coletivo.

Conduza uma conversa orientada por perguntas como:

- Que tipos de cuidado apareceram mais?
- Que pessoas são mais citadas como cuidadoras?
- Alguém percebeu homens nessas tarefas? Em que proporção?
- Quem cuida de quem mais cuida?
- As pessoas que mais cuidam também são cuidadas?
- O que isso nos diz sobre a forma como o cuidado é organizado na nossa sociedade?

---

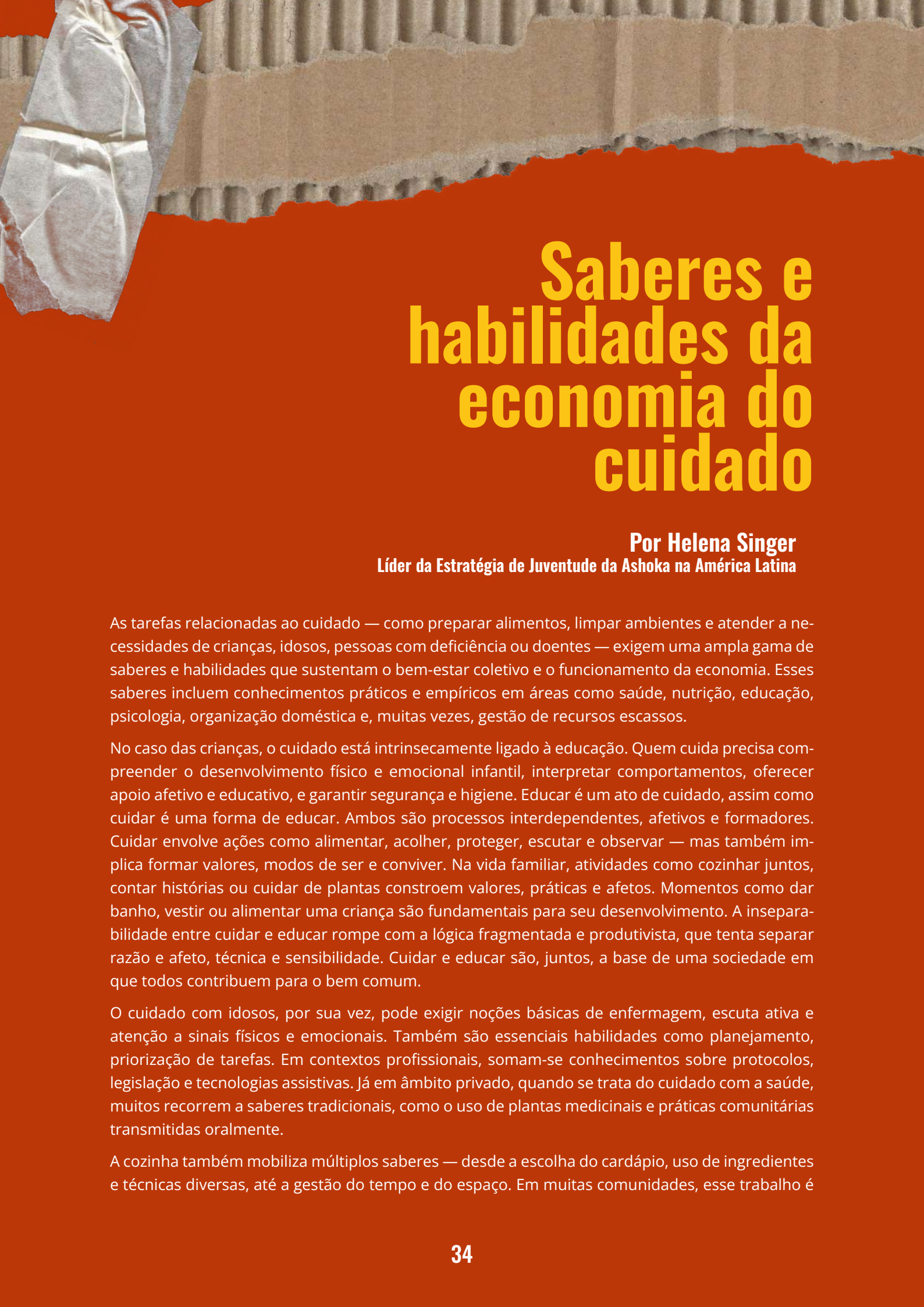
### 4. Fechamento (10 a 15 min)

Finalize com uma reflexão coletiva:

- O cuidado é essencial para a vida. Por que, então, fala-se tão pouco desse assunto?
- Como podemos transformar essa realidade na nossa casa, escola ou comunidade?
- Que tipo de reconhecimento e apoio merecem as pessoas que mais cuidam?
- Se quiser, proponha que cada pessoa escreva uma frase ou compromisso em um papel e cole no mural: "O que posso fazer para reconhecer, valorizar e compartilhar o cuidado no meu cotidiano?"

**Dica:**

- Mantenha o ambiente acolhedor e sem julgamentos. Essa é uma oficina que lida com memórias afetivas e, às vezes, experiências dolorosas.
- Incentive que as pessoas falem a partir de sua realidade, valorizando os saberes cotidianos.
- Evite generalizações e esteja atento(a) às interseccionalidades (gênero, raça, classe, geração).



# Saberes e habilidades da economia do cuidado

**Por Helena Singer**

**Líder da Estratégia de Juventude da Ashoka na América Latina**

As tarefas relacionadas ao cuidado — como preparar alimentos, limpar ambientes e atender a necessidades de crianças, idosos, pessoas com deficiência ou doentes — exigem uma ampla gama de saberes e habilidades que sustentam o bem-estar coletivo e o funcionamento da economia. Esses saberes incluem conhecimentos práticos e empíricos em áreas como saúde, nutrição, educação, psicologia, organização doméstica e, muitas vezes, gestão de recursos escassos.

No caso das crianças, o cuidado está intrinsecamente ligado à educação. Quem cuida precisa compreender o desenvolvimento físico e emocional infantil, interpretar comportamentos, oferecer apoio afetivo e educativo, e garantir segurança e higiene. Educar é um ato de cuidado, assim como cuidar é uma forma de educar. Ambos são processos interdependentes, afetivos e formadores. Cuidar envolve ações como alimentar, acolher, proteger, escutar e observar — mas também implica formar valores, modos de ser e conviver. Na vida familiar, atividades como cozinhar juntos, contar histórias ou cuidar de plantas constroem valores, práticas e afetos. Momentos como dar banho, vestir ou alimentar uma criança são fundamentais para seu desenvolvimento. A inseparabilidade entre cuidar e educar rompe com a lógica fragmentada e produtivista, que tenta separar razão e afeto, técnica e sensibilidade. Cuidar e educar são, juntos, a base de uma sociedade em que todos contribuem para o bem comum.

O cuidado com idosos, por sua vez, pode exigir noções básicas de enfermagem, escuta ativa e atenção a sinais físicos e emocionais. Também são essenciais habilidades como planejamento, priorização de tarefas. Em contextos profissionais, somam-se conhecimentos sobre protocolos, legislação e tecnologias assistivas. Já em âmbito privado, quando se trata do cuidado com a saúde, muitos recorrem a saberes tradicionais, como o uso de plantas medicinais e práticas comunitárias transmitidas oralmente.

A cozinha também mobiliza múltiplos saberes — desde a escolha do cardápio, uso de ingredientes e técnicas diversas, até a gestão do tempo e do espaço. Em muitas comunidades, esse trabalho é

altamente valorizado. O líder quilombola Antônio Bispo dos Santos afirma que nos quilombos, por exemplo, a cozinha é o espaço central da comunidade, onde se organizam a recepção, as festas e os encontros sociais, ou seja, um espaço coletivo de memórias, saberes e afetos, com mulheres desempenhando papel central.

Mais do que técnicas, todas estas tarefas relacionadas ao cuidado exigem, acima de tudo, empatia, que, como defende o educador Fernando Leão, demanda saberes de acolhimento, de apoio aos objetivos do outro, de ajuda voluntária e genuína, de cuidado, ética e atenção aos riscos e de reconhecimento do outro como um ser livre e cheio de possibilidades. Essas formas de saber são centrais para a reprodução da vida e o desenvolvimento humano e, por isso, precisam ser reconhecidas e valorizadas.

## Quer saber mais?

Muitas jovens estão assumindo o papel de cuidar, acolher e criar oportunidades para outras pessoas — especialmente colegas e membros de suas comunidades que, por serem negros ou vindos de periferias, muitas vezes se sentem deslocados em ambientes onde são minoria.

Conheça as histórias de três jovens que promovem mudanças significativas ao praticar a empatia e reconhecer que cuidar, educar e garantir oportunidades de desenvolvimento são ações interdependentes e fundamentais para todos. Assista aos vídeos de:

**Isabelle Christina**, idealizadora do **Projeto Meninas Negras** para enfrentar desigualdades raciais e de gênero, impulsionando meninas negras a se tornarem líderes e cidadãs globais.



**Midria**, cofundadora do **Slam USPerifa**, um projeto que transforma o acolhimento de grupos marginalizados no ensino superior e incentiva a participação cidadã.



Inspire-se na história de **Ágata** e no **Projeto Boyebi**, que incentiva a imaginação e a busca pela ancestralidade de crianças e jovens negros através da literatura afrofuturista.



Acesse também o **Material de Recomendações para a Educação Integral, Transformadora Antirracista**, produzido pelo programa Escolas2030.



### **Você conhece o Fundo Agbara?**

É o primeiro fundo filantrópico exclusivo para mulheres negras no Brasil. Tem sua atuação voltada para o fortalecimento econômico, social e político das mulheres negras, incluindo as jovens mulheres negras.



# “AFROGINCANA”

## como metodologia de acolhimento e cuidado

**POR MOARA NC E VIC ARGÔLO**  
JOVENS INTEGRANTES DO CEDENPA

O conteúdo do caderno nos aponta como cuidado e juventudes negras são pontos necessários. Nesse processo de pensar o cuidado enquanto narrativa importante para pessoas negras, bell hooks (2023) nos diz que nós estamos constantemente descobrindo como as narrativas afetivas e pessoas negras partem da experiência comunitária, como algo crucial para o nosso bem-estar.

Quando nós do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa) fomos pensar na escrita desse texto, achamos interessante descrever um pouco de como o cuidado é exercido por nós na metodologia e na prática; daí pensamos em falar sobre a “Afrogincana”.

Afrogincanas são encontros voltados para crianças e adolescentes, nos quais ocorrem brincadeiras, contação de histórias, exposição fotográfica, exibição de filmes, atividades lúdicas desenvolvidas através das danças, cuidados com os cabelos e outras múltiplas linguagens para tratar de temáticas raciais com o público mais jovem. O espaço é partilhado com mulheres negras mais velhas que nos ajudam a criar uma ambiência de aprendizado, acolhimento e cuidado.

A ideia surgiu através da nossa percepção sobre a relação de algumas crianças do Bairro da Cremação com a sede do Cedenpa, em Belém do Pará, onde, independente da atividade que esteja ocorrendo na sede, elas se fazem presentes, escutando, brincando, estudando e se alimentando.

As crianças reconhecem a sede como um espaço seguro e disponível para utilizarem, e através dessa relação foi decidido construir as Afrogincanas, atividades que são voltadas exclusivamente a elas, sendo um dia de diversas atividades. Contudo, não conseguimos realizar com grande frequência, entendendo que tem um custo físico e financeiro para as realizações dessas atividades.

É entender que esse espaço ocupa em nós certos sentidos e trocas intergeracionais que nos levam a pensar na calma de uma velha mulher, tal qual apresentada por Conceição Evaristo (2017), que nos fala sobre como uma deusa artesã cola, recola, lima e nina o seu corpo mil partido e, se refaz inteira por entre a áspera intempérie dos dias.

Encontramos na Afrogingcana uma estratégia de aproximação entre crianças, juventudes e pessoas mais velhas, que serve para consolidar a prática do cuidado e acolhimento. Nosso intuito aqui é convidar vocês a pensarem como o cuidado e acolhimento aqui posto está em premissas positivas por nossa opção. Contudo, ao longo do caderno é possível ver como outras camadas desse cuidado são violentas quando interseccionalidades chegam no campo de estereótipos, gêneros, raças, empregos domésticos -- ou até mesmo o não remunerado.

Nossa dinâmica se aproxima de Zélia Amador de Deus (2019) que puxa as redes de ananse para falar de fio-ação que une pessoas negras, em movimento, na busca de romper com relações de submissão como forma de luta. A afrogingcana é essa rede que vem sendo construída há mais de 7 anos, buscando gerar um lugar seguro para essas crianças viverem e se reconhecerem nesse mundo como estratégias de acolhimento, cuidado e bem-viver.



# Acesse os materiais da Pesquisa Juventudes Negras



## **Pesquisa Juventudes Negras: Mapeamento do Investimento Público e das Políticas Públicas para as Juventudes Negra**

Este relatório apresenta um panorama dos investimentos e políticas públicas implementados pelo governo federal e por alguns estados entre 2013 e 2022, com foco em juventudes negras. O documento evidencia a escassez de recursos destinados a essa população, bem como apresenta uma série de recomendações ao poder público, frente a urgência de adotar abordagens interseccionais nas políticas de juventude.

## **Pesquisa Juventudes Negras: Estudo Sociodemográfico sobre as Condições de Vida do Jovens Negros no Brasil (2010-2023)**

Este segundo relatório apresenta uma análise dos indicadores sociais que compõem a realidade das juventudes negras no Brasil, com base em dados secundários provenientes de instituições oficiais, como IBGE e INEP. A pesquisa adota uma perspectiva interseccional, considerando marcadores como raça, gênero e território, para evidenciar as especificidades das juventudes negras em comparação com outros grupos sociais.



**Acesse os dois relatórios da Pesquisa JUNE no Qr-Code**



## **Debates Públicos nas Escolas - Juventudes Negras: por uma Educação Antirracista e Antissexista**

O Percurso foi desenvolvido pela equipe do Em Movimento, em parceria com a Ashoka, com base nos achados da pesquisa JUNE, com o objetivo de estimular a compreensão crítica sobre as desigualdades estruturais de raça e gênero, especialmente nas áreas da educação, do trabalho e da participação política, além de buscar valorizar as trajetórias de resistência e potência das jovens negras.



# Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre as juventudes brasileiras contemporâneas: entre a emergência política e a mercantilização. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5, 2007. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_05\\_HELENA\\_WENDEL\\_ABRAMO.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf). Acesso em: 22 jul. 2025.

AMADOR DE DEUS, Zélia. *Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse*. Belém: Secult-Pará, 2019.

ARAÚJO, Anna Bárbara; MONTICELLI, Thays; ACCIARI, Louisa. Trabalho doméstico e de cuidado: um campo de debate. *Tempo Social*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 145-167, jan./abr. 2021.

AKOTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Estatuto da Juventude: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 150, p. 1, 6 ago. 2013. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm). Acesso em: 22 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 15.069, de 9 de janeiro de 2024. Institui a Política Nacional de Cuidados e reconhece o cuidado como trabalho. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/L15069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L15069.htm). Acesso em: 22 jul. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. *Marco conceitual da política nacional de cuidados*. Brasília, DF, 2023. Disponível em: [https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7\\_Orgaos/SNCF\\_Secretaria\\_Nacional\\_da\\_Politica\\_de\\_Cuidados\\_e\\_Familia/Arquivos/Cartilha/Marco\\_Conceitual.pdf](https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de_Cuidados_e_Familia/Arquivos/Cartilha/Marco_Conceitual.pdf). Acesso em: 22 jul. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Guia sobre trabalho doméstico e de cuidados*. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/pdfs/guia-sobre-trabalho-domestico-e-de-cuidados.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia (1988). A categoria político-cultural da Amefrinidade. In: Gonzalez, Lélia. *Primavera para rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana; Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios de Lélia Gonzalez*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 13-39.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. *Irmãs do Inham: Mulheres negras e autorrecuperação*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

JESUS, Carolina Maria. *Diário de Bitita*. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

LEÃO, Fernando. Relações se estabelecem por empatia. In: YIRULA, C. P. (org.) *A importância da empatia na educação*. São Paulo: Ashoka/Instituto Alana, 2016. p. 72-77.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, Késia Maria Maximiano de; PRASS, Liciara Melissa Von Grafen. Juventude e marcadores sociais da diferença: discutindo cidadania a partir de oficinas de atividades. *Anais do XXVII Congresso de Iniciação Científica da UFRGS, Porto Alegre*, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131597>. Acesso em: 22 jul. 2025.

Pesquisa Juventudes Negras. *Estudo sociodemográfico sobre as condições de vida dos jovens negros no Brasil (2010-2023): Um olhar para os desafios enfrentados pelas juventudes negras no acesso aos seus direitos básicos*. Realização: Em Movimento; Uneafró; Perifa Connection. São Paulo, 2025.

Pesquisa Juventudes Negras. *Mapeamento do investimento público e das políticas públicas para as juventudes negras: Um panorama das ações e investimentos estatais voltados às juventudes negras, entre 2013 e 2022*. Realização: Em Movimento; Uneafró; Perifa Connection. São Paulo, 2024.

PRETA RARA. *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quatinho da empregada*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza (org.). *Trabalho doméstico e de cuidados: por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana*. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2008. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/07/TRABALHO-DOM%3%89STICO-E-DE-CUIDADOS-2008.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

